

**AUMENTO NOS PREÇOS
DOS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

CLIPPING

Principais resultados de imprensa
Setembro/2020

CBIC

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

FOLHA DE SÃO PAULO

Painel S.A.

joana.cunha@grupofolha.com.br



Indústria da construção alerta governo sobre preocupação inflacionária

Entidade do setor fez levantamento de custo com aço, cimento e PVC



Muro O alerta inflacionário nos materiais de construção, que já vinha fazendo barulho na indústria antes da repercussão sobre o preço do arroz na semana passada, vai ser levado ao governo. Nesta segunda-feira (14), a Cbic (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) apresenta à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade um levantamento sobre a alta de custos na matéria-prima do setor. Aço, cimento e PVC são os principais focos de preocupação.

Terreno Conforme antecipou o Painel S.A., entidades de trabalhadores, construtoras e incorporadoras identificaram um movimento padronizado nos avisos de aumento de preços enviados por cimenteiras desde julho. O grupo levou a queixa ao Procon-SP, que abriu procedimento para acompanhar o caso.

★

Papai Noel Funcionários de grandes cimenteiras estão animados. Esperam se dar bem com os bônus neste ano de pandemia. A expectativa é que a bolada vai ser a maior desde a crise de 2015.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

FOLHA DE SÃO PAULO

PAINEL S.A.

Joana Cunha

painelsa@grupofolha.com.br

Muro

O alerta inflacionário nos materiais de construção, que já vinha fazendo barulho na indústria antes da repercussão sobre o preço do arroz na semana passada, vai ser levado ao governo. Nesta segunda-feira (14), a Cbic (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) apresenta à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade um levantamento sobre a alta de custos na matéria-prima do setor. Aço, cimento e PVC são os principais focos de preocupação.

TERRENO Conforme antecipou o Painel S.A., entidades de trabalhadores, construtoras e incorporadoras identificaram um movimento padronizado nos avisos de aumento de preços enviados por cimenteiras desde julho. O grupo levou a queixa ao Procon-SP, que abriu procedimento para acompanhar o caso.

PAPAI NOEL Funcionários de grandes cimenteiras estão animados. Esperam se dar bem com os bônus neste ano de pandemia. A expectativa é que a bolada vai ser a maior desde a crise de 2015.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

GLOBO NEWS



[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

METROPOLES



DISTRITO FEDERAL

Alta no preço dos materiais de construção deve subir custo de imóveis no DF

Especialistas do setor imobiliário preveem elevação de até 5% no valor de casas e apartamentos entre o fim de setembro e o início de outubro

MANOELA ALCÂNTARA

11/09/2020 4:42, ATUALIZADO 11/09/2020 7:19

WITTHAYA PRASONGSIN/GETTY IMAGES



As despesas com alimentos, em **especial o arroz**, têm tirado o sono do brasileiro. Mas, nos últimos dias, o valor dos materiais de **construção civil** também vem assustando. O efeito da alta do cimento, aço, tijolo, telhas e tubos de PVC pode refletir no custo de apartamentos e casas. Especialistas do setor imobiliário preveem elevação de até 5% no preço desses imóveis entre o final de setembro e o início do mês de outubro.

A justificativa para encarecer os produtos é a escassez deles no mercado devido à queda de produção nas indústrias e ao aumento da procura. Por isso, não é possível, ainda, estimar se o reajuste vai perdurar até 2021. Mas o repasse imediato é inevitável, segundo empresários do setor e consultores na área.

Com a pandemia do **novo coronavírus**, esperava-se uma retração do segmento, mas ocorreu o oposto. “Várias indústrias se desmobilizaram pensando que o setor passaria por uma recessão, e o que aconteceu foi o contrário. Aumenta a demanda, reduz a oferta, os preços sobem”, explicou o presidente da Associação de Empresas do Mercado Imobiliário do Distrito Federal (Ademi), Eduardo Aroeira Almeida.

Considerando a inflação oficial do país, de acordo com dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) divulgados pelo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os acumulados de alta em 12 meses foram 4,52% nos materiais de construção e 2,89% na mão de obra. Quando se trata de insumos importantes para as obras, o cimento teve incremento de 10,7%; o tijolo, de 16,8%; a areia, de 4,8%; e a telha, de 2,9%.

Confira os números do IBGE sobre os preços dos principais insumos da construção:

Tijolo: 16,86%

Cimento: 10,67%

Tinta: 5,77%

Areia: 4,77%

Ferragens: 3,07%

Telha: 2,86%

Material hidráulico: 2,56%

Material de eletricidade: 0,96%

Revestimento de piso e parede: 0,71%

Mão de obra: -0,03%

Pedras: -2,79%

Madeira e taco: -4,04%

Vidro: -6,5%

Preços para construtoras

Em levantamento de construtoras que atuam na área imobiliária e precisam adquirir produtos todos os dias, o concreto aumentou 9,75% entre maio e agosto. No mesmo período, o aço cortado e dobrado subiu 10%; o cimento, 21,01%. Já o quilo do alumínio teve salto de 33,93%; e os fios de cobre, 48,48%.

O diretor da Ademi Rodrigo Nogueira considera inevitável o acréscimo no preço dos imóveis. “Os insumos estão aumentando e a mão de obra também. Mesmo as obras públicas, como o túnel de Taguatinga, estão sentindo o impacto. É a lei da oferta e da procura. O consumidor que deseja comprar um imóvel vai ter de agilizar a decisão ou pagará mais caro”, alertou Nogueira.

O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon-DF), Dionyzio Klavdianos, avalia que o cenário posto hoje era inimaginável há alguns meses. “Temos um aumento generalizado que não víamos há anos. Tudo subiu: cimento, PVC, alumínio, aço. Tem insumos, como a cerâmica, que quase dobraram de valor. Os aumentos estão vindo na casa das dezenas”. observou.

Denúncias no Procon-DF

No fim de agosto, o **Instituto de Defesa do Consumidor (Procon-DF)** recebeu diversas denúncias sobre valores abusivos em lojas de materiais de construção na capital federal. Na época, notificou 17 estabelecimentos do ramo em todo o Distrito Federal. O prazo para que os aumentos praticados sejam explicados termina nesta sexta-feira (11/9). Depois de a operação ter sido divulgada, o órgão recebeu outras três queixas contra altas injustificadas de preços.

Segundo o Procon-DF, a maioria das reclamações versa sobre o valor do milheiro de tijolo. Na ação, fiscais solicitaram, além de notas fiscais de compra e venda, os registros de saco de cimento, ferro e brita.

“Os empresários alegam se tratar apenas de repasse dos custos, que subiram com a falta dos itens. Mas, agora, vamos analisar as justificativas e toda a documentação para verificar se não se trata de um aumento injustificado durante a crise do coronavírus”, afirmou o diretor-geral do Procon-DF, Marcelo Nascimento.

Pesquisa entre as empresas

Um levantamento da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) identificou que, de março a julho, em meio à pandemia do novo coronavírus, construtoras de todo o país tiveram elevação no preço de materiais de construção. Dos itens consultados, o cimento foi o que teve mais incremento: 95% das empresas identificaram alteração nos valores cobrados.

Os números se baseiam em um levantamento no qual a CBIC ouviu 462 empresas em 25 estados das cinco regiões do país entre os dias 16 e 21 de julho.

No estudo, 95% das empresas disseram que o cimento teve aumento durante o período da pandemia. Para 59% delas, o reajuste foi de até 10%. Para 36%, acima de 10%. Nos estados do Ceará, Pará e de Mato Grosso 100% das empresas responderam que tiveram alta no referido material.

Quando a pergunta foi sobre o preço do aço, 87% das empresas responderam que tiveram acréscimo durante o período da pandemia.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

CORREIO BRAZILIENSE

CARESTIA

Preço de materiais de construção sobe e setor pede ajuda

Construtoras vão entregar documento ao governo com sugestões para baratear insumos, mas dizem que não querem controle de preços. Uma das ideias é reduzir impostos para facilitar importações, como foi feito no caso do arroz

MB Marina Barbosa

postado em 12/09/2020 07:00 / atualizado em 12/09/2020 10:03



(crédito: Vinicius Cardoso Vieira/CB/D.A Press)

Não é apenas a alta dos alimentos que está preocupando os brasileiros. Os materiais de construção subiram quase tanto quanto o arroz durante a pandemia do novo coronavírus. Por isso, o segmento da construção civil prepara-se para entregar ao governo, na próxima semana, um estudo sobre os riscos da alta de preços e as possíveis soluções para o problema. O levantamento deve ser finalizado neste fim de semana para ser apresentado aos ministérios da Economia, da Infraestrutura e do Desenvolvimento Regional.

Os empresários do setor tentarão sensibilizar o governo com o argumento de que a disparada pode prejudicar programas como o Casa Verde e Amarela, de habitação popular, lançado recentemente com a intenção de ser uma marca do governo Jair Bolsonaro. Da mesma forma, podem ser afetados os planos de obras públicas do programa Pró-Brasil e de construção de ferrovias, que vem sendo mencionadas pelo presidente nos últimos dias. Além disso, observam que, como o setor da construção é um dos maiores empregadores do país, a redução do ritmo nos canteiros de obras pode aumentar as taxas de desocupação.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o cimento ficou 10,67% mais caro neste ano e o tijolo, 16,86%. A alta vem sendo sentida desde o começo da pandemia, mas acelerou-se nas últimas semanas. Só em agosto, o cimento subiu 5,42% e o tijolo, 9,32%. A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic) calcula que cerca de 90% das construtoras do país já estão tendo que pagar mais por esses produtos e também por itens como aço, cabos elétricos e concreto.

Diálogo

O **Correio** apurou que o Ministério da Economia tem mantido um diálogo constante com o setor da construção civil para acompanhar a questão. E o assunto também estava na mesa do presidente Jair Bolsonaro quando ele tomou a decisão de zerar a tarifa de importação do arroz.

O problema só acabou ficando para depois por conta do grande apelo popular da alta dos alimentos. Porém, a expectativa do setor é de que algo seja feito sobre o assunto em breve. “Eles também estão preocupados e estão procurando uma forma de minimizar esse impacto”, disse o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal (Sinduscon-DF), Dionyzio Klavdianos.

O presidente da Cbic, José Carlos Martins, explicou que a alta dos preços é fruto de uma série de fatores. Ele afirmou que, no início da pandemia, a produção nacional de materiais de construção caiu, devido ao choque econômico causado pelo coronavírus. Porém, a construção foi um dos poucos setores que continuaram funcionando na quarentena e, por isso, a demanda não caiu. E a venda de materiais ainda aumentou depois que muitos brasileiros decidiram adaptar a casa ao novo momento de isolamento social e home office e, sobretudo, depois que o auxílio emergencial permitiu que milhões de pessoas de baixa renda também fizessem pequenos reparos em casa. “Com isso, começou a faltar material em todo o país. E a baixa oferta pressionou os preços”, disse Martins.

Na lista de sugestões do que pode ser feito para conter a escalada de preços, estarão medidas como a que já foi anunciada para o arroz, para facilitar a importação, mas, também, propostas que incentivem a redução das exportações e o aumento da produção nacional de materiais de construção. Klavdianos garante que qualquer alternativa deve seguir as regras naturais de concorrência e mercado. “Tabelamento de preço não adianta de nada, ninguém quer isso. Não adianta tomar uma atitude autoritária de congelar os preços”, assegurou. “O que nós precisamos é de um choque de oferta. Se tiver mais oferta, o preço cai”, reforçou Martins.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

CNN

Home > Business

Construção civil enfrenta alta de preços e também quer taxa de importação zerada

Juliana Lopes, da CNN, em São Paulo
15 de setembro de 2020 às 16:26

Compartilhar

Ouvir



Edifício em construção

Foto: Rahel Patrasso - 01.04.2020/Reuters

A pandemia do novo coronavírus provocou alta nos alimentos e também em um outro setor importante para a engrenagem da economia: o da construção civil. Nesta terça-feira (15), empresários do setor entregarão ao governo federal um estudo sobre a disparada de preços dos materiais de construção e possíveis soluções para o problema. O levantamento foi realizado pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC).

Leia mais:

[Importações de arroz pelo Brasil crescem até 311% em setembro](#)

Para enfrentar a crise, os empresários sugerem reequilibrar o abastecimento interno de materiais. Além disso, reduzir a zero o imposto de importação do setor pelo período de 12 meses, medida semelhante a que foi tomada pela equipe econômica depois da escalada dos preços do arroz.

No alvo das consequências negativas de uma crise no segmento, segundo o grupo, estão as obras do governo federal, que poderiam sofrer atrasos e aumento de custos. O alerta é específico para o "Pró Brasil", o programa de investimentos públicos do governo que ainda não saiu do papel.

Em reuniões no Palácio do Planalto na última semana, o presidente Jair Bolsonaro demonstrou preocupação com o setor e pediu que a equipe econômica monitore a situação.

Alerta de abuso de preços

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somente em agosto, o tijolo subiu 9,32% e o cimento 5,42%. Em julho, as altas foram de 4,13% e 4,04%, respectivamente.

A CBIC calcula que cerca de 90% das construtoras do país já também gastaram mais com a compra de cabos elétricos, concreto e PVC. No documento endereçado à equipe econômica ao qual a CNN teve acesso, empresários questionam os preços elevados, mesmo diante de um aquecimento no setor, incentivado pela liberação do auxílio emergencial.

Segundo o documento, houve abuso no aumento dos preços de materiais de construção e "aproveitamento, por parte dos fornecedores, da situação de desabastecimento para recuperar preços. Isso sem que haja empenho para aumentar a produção."

O grupo pede ainda que o governo faça a mediação de discussões entre produtores e consumidores de materiais de construção.



[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

METROPOLES



Alta no preço dos materiais de construção ameaça parar obras públicas

Segundo a Ademi, encarecimento de insumos pode fazer com que empresas tenham prejuízo na hora de executar obras já licitadas

MANOELA ALCÂNTARA

15/09/2020 18:24, ATUALIZADO 15/09/2020 19:43

JP RODRIGUES/METRÓPOLES



O encarecimento dos materiais de construção em todo o país pode prejudicar obras públicas de infraestrutura que estão em andamento, construções de casas populares e aumentar o valor de imóveis. A previsão do setor imobiliário vale enquanto insumos básicos, como aço, cimento, fios e materiais de acabamento, continuarem em alta, que atinge até 40%.

“Pode haver paralisação de obras, devido à mudança dos preços”, diz o presidente da Associação de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi-DF), Eduardo Aroeira.

A Ademi e outras instituições ligadas à Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) se reuniram para juntar evidências de possíveis abusos nos preços dos materiais. O documento, divulgado nesta terça-feira (15/9), foi entregue ao governo federal.



O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade, do Ministério da Economia, resalta as causas e que o “aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas”.

“Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi criado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia”, disse o presidente da CBIC, José Carlos Martins.

Cotações

A CBIC cruzou informações, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias a fim de ter uma base no valor de mercado. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços.

O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região. “A suspeita é de cartel. Se for mesmo comprovada, tem que ser apurada e coibida. É necessário aumentar a fiscalização”, afirmou presidente da Ademi no DF.

Custo de imóveis

Conforme o [Metrópoles havia adiantado, o preço dos imóveis, do mesmo modo, subirá](#). No documento, a CBIC também prevê aumento do custo de residências populares. Esse gasto adicional pode prejudicar programas como o [Casa Verde e Amarela](#), pois existe teto para essas construções, que precisará de aumento para comportar o encarecimento dos insumos.



Para o vice-presidente da área de Habitação de Interesse Social da entidade, Carlos Henrique de Oliveira Passos, nos programas voltados para esse tipo de imóvel, hoje, não há espaço para repasse de preços.

“Isso afetará o apetite para novos lançamentos. Para as obras em andamento, como não há correção sobre os valores desembolsados pela Caixa, nossa preocupação maior é com o impacto no desequilíbrio contratual e eventuais paralisações”, avalia.

Pesquisas

Nos últimos meses, a CBIC fez duas pesquisas para verificar o que estava ocorrendo em relação ao desabastecimento e ao aumento nos preços dos materiais. A primeira, entre os dias 16 e 21 de julho deste ano, contou com 462 respostas oriundas de construtoras e incorporadoras de 25 estados. A segunda, no início deste mês, compilou documentos apurados e recebidos das próprias empresas fornecedoras dos materiais.

Por meio das pesquisas, a entidade verificou que durante a pandemia, em especial nos meses de julho e agosto, houve incremento expressivo nos preços de materiais, um movimento completamente alheio à realidade inflacionária nacional.

No DF, o Procon identificou e notificou 17 lojas de materiais de construção, e que continua recebendo denúncias sobre o aumento expressivo dos insumos.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

SBT BRASIL



[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

TERESINA DIÁRIO

Teresina - 16/9/2020



NOTÍCIAS POLÍTICA ECONOMIA ESPORTES CARROS NEGÓCIOS EDUCAÇÃO SAÚDE BELEZA MODA MULHER JOG

[Home](#) / [Notícias](#) / [Política e Economia](#)

15/09/2020 - 16:04 hs

CBIC apresenta ao governo evidências de abuso no aumento dos preços de materiais de construção

Documento inclui propostas para reequilibrar o abastecimento interno e estimular importação. De acordo com entidade, é preciso um choque de oferta para evitar memória inflacionária.

Por Cristiane Ribeiro

[Curtir 0](#) [Tweet](#) [Partilhar](#)



@Divulgação

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, nessa segunda-feira (14), um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas. “Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia”, disse.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como desemprego, aumento do custo das obras públicas e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura. De acordo com vice-presidente da área de Infraestrutura da CBIC, Carlos Eduardo Lima Jorge, para as construtoras de obras públicas, já com dificuldades de capital de giro, a busca pelo reequilíbrio dos contratos em função desses aumentos é um processo demorado. “A consequência imediata será a redução do ritmo das obras e o desemprego de funcionários”, explica.

A CBIC também prevê aumento do custo dos imóveis populares, o que irá gerar a necessidade de aumento de subsídio. Para o vice-presidente da área de Habitação de Interesse Social da entidade, Carlos Henrique de Oliveira Passos, nos programas voltados para esse tipo de imóvel não há espaço para repasse de preços. “Isso afetará o apetite para novos lançamentos. Para as obras em andamento, como não há correção sobre os valores desembolsados pela Caixa, nossa preocupação maior é pelo impacto no desequilíbrio contratual e eventuais paralisações”, avalia.

No documento entregue ao governo, a entidade fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos. Em especial os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção. Entre as propostas enviadas ao governo está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.

Outra consequência dos aumentos apresentada ao governo é o risco de uma redução significativa no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre, o que significa menos empregos e aumento nos preços. “A grande preocupação, no momento, é que os incorporadores, em função desses aumentos inesperados, passem a duvidar da viabilidade dos empreendimentos a serem lançados”, explica Celso Petrucci, vice-presidente da área de Indústria Imobiliária da CBIC. Para ele, se isso acontecer, com a queda da oferta final dos últimos trimestres, o setor pode ter um aumento de preços não desejável.

Pesquisas

Nos últimos meses, a CBIC realizou duas pesquisas para verificar o que estava ocorrendo em relação ao desabastecimento e ao aumento nos preços dos materiais. A primeira, entre os dias 16 e 21 de julho deste ano, contou com 462 respostas oriundas de construtoras e incorporadoras de 25 estados. A segunda, no início deste mês de setembro, compilou documentos apurados e recebidos das próprias empresas fornecedoras dos materiais.

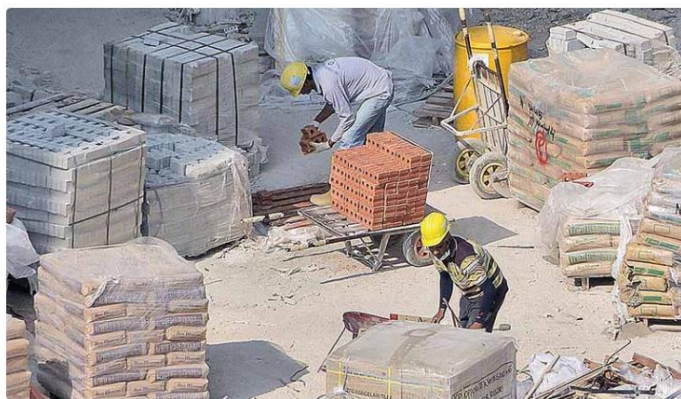
Por meio das pesquisas, a entidade verificou que durante a pandemia, em especial nos meses de julho e agosto, houve um incremento expressivo nos preços dos materiais, um movimento completamente alheio à realidade inflacionária nacional. Evidências dessa afirmação já são observadas, inclusive, nos indicadores de custos setoriais. O ‘Índice Nacional de Custos da Construção – Materiais e Equipamentos’, calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, apresentou um aumento de 4,02% no período dos 12 meses encerrados em maio deste ano. Já no período de apenas três meses, entre junho e agosto, a alta registrada no indicador foi de 3,80%.

CBIC aponta evidências de abuso em preços de materiais de construção

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, na segunda-feira (14), um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas. "Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia", disse.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.



CBIC detecta evidências de abuso em preços de materiais de construção

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como desemprego, aumento do custo das obras públicas e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura. De acordo com vice-presidente da área de Infraestrutura da CBIC, Carlos Eduardo Lima Jorge, para as construtoras de obras públicas, já com dificuldades de capital de giro, a busca pelo reequilíbrio dos contratos em função desses aumentos é um processo demorado. "A consequência imediata será a redução do ritmo das obras e o desemprego de funcionários", explica.

No documento entregue ao governo, a entidade fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos. Em especial os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção. Entre as propostas enviadas ao governo está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.

Outra consequência dos aumentos apresentada ao governo é o risco de uma redução significativa no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre, o que significa menos empregos e aumento nos preços. “A grande preocupação, no momento, é que os incorporadores, em função desses aumentos inesperados, passem a duvidar da viabilidade dos empreendimentos a serem lançados”, explica Celso Petrucci, vice-presidente da área de Indústria Imobiliária da CBIC. Para ele, se isso acontecer, com a queda da oferta final dos últimos trimestres, o setor pode ter um aumento de preços não desejável.

Pesquisas

Nos últimos meses, a CBIC realizou duas pesquisas para verificar o que estava ocorrendo em relação ao desabastecimento e ao aumento nos preços dos materiais.

A primeira, entre os dias 16 e 21 de julho deste ano, contou com 462 respostas oriundas de construtoras e incorporadoras de 25 estados. A segunda, no início deste mês de setembro, compilou documentos apurados e recebidos das próprias empresas fornecedoras dos materiais.

Por meio das pesquisas, a entidade verificou que durante a pandemia, em especial nos meses de julho e agosto, houve um incremento expressivo nos preços dos materiais, um movimento completamente alheio à realidade inflacionária nacional. Evidências dessa afirmação já são observadas, inclusive, nos indicadores de custos setoriais. O ‘Índice Nacional de Custos da Construção – Materiais e Equipamentos’, calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, apresentou um aumento de 4,02% no período dos 12 meses encerrados em maio deste ano. Já no período de apenas três meses, entre junho e agosto, a alta registrada no indicador foi de 3,80%.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

PORTAL R10



Entidade aponta abuso no valor dos materiais de construção

A CBIC reúne evidências de abusos no aumento do preço durante a pandemia.

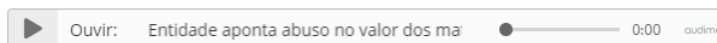


Foto: Reprodução/Divulgação

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, nessa segunda-feira (14), um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia.

O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar

propostas para suavizar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta em quantidade suficiente para atender o mercado. "Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia", disse.

Continua depois da publicidade

A instituição realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços.

Segundo a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como desemprego, aumento do custo das obras públicas e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura.

De acordo com vice-presidente da área de Infraestrutura da CBIC, Carlos Eduardo Lima Jorge, para as construtoras de obras públicas, já com dificuldades de capital de giro, a busca pelo reequilíbrio dos contratos em função desses aumentos é um processo demorado. "A consequência imediata será a redução do ritmo das obras e o desemprego de funcionários", explica.

O cenário prevê aumento do custo dos imóveis populares, o que pode gerar a necessidade de aumento de subsídio. Para o vice-presidente da área de Habitação de Interesse Social, Carlos Henrique de Oliveira Passos, nos programas voltados para esse tipo de imóvel não há espaço para repasse de preços. “Isso afetará o apetite para novos lançamentos. Para as obras em andamento, como não há correção sobre os valores desembolsados pela Caixa, nossa preocupação maior é pelo impacto no desequilíbrio contratual e eventuais paralisações”, avalia.

No documento entregue ao governo, a entidade fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos. Em especial os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção.

Entre as propostas enviadas está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.

Continua depois da publicidade

Outra consequência dos aumentos apresentada é o risco de uma redução significativa no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre, o que significa menos empregos e aumento nos preços.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

GAZETA DO POVO



GAZETA DO POVO

Quarta-feira, 16 de Setembro de 2020

assine



Entidade relata abuso no aumento dos preços de materiais de construção

Por Gazeta do Povo



Um documento entregue pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia aponta evidências de abuso no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia da Covid-19. O documento traz causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia. Segundo o documento, o Índice Nacional de Custos da Construção – Materiais e Equipamentos apresentou aumento de 4,02% no período dos 12 meses encerrados em maio deste ano. Já no período de apenas três meses, entre junho e agosto, a alta no indicador foi de 3,80%.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

CBN

CBN CURITIBA

NOTÍCIAS

COLUNAS

ESPECIAIS

RÁDIO CBN

AO VIVO

f

t

@

in

W

QUARTA-FEIRA, 16/09/2020, 17H16 | CBN

Preços de insumos da construção civil disparam e setor reage



Foto: Reprodução/EBC

O Sinduscon-PR e outras entidades ligadas à Câmara Brasileira da Indústria da Construção, entidade que fica em Brasília, se reuniram para juntar evidências de abusos nos preços dos insumos da construção.

Pelo que foi constatado, houve aumento exagerado e supostamente coordenado nos preços do cimento, do aço, do tubo de PVC e do fio de cobre. Os valores subiram em praticamente todos os estados do país durante os meses da pandemia.

O presidente do Siduscon – PR, Rodrigo Assis, disse que não entende a alta neste período, em que a inflação foi praticamente inexistente segundo ele.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

SINDUSCON-SP



REGIONAL ▾
Cobertura presente em todo
Estado de São Paulo



JUNTE-SE A
Benefícios e
para sua cor

NOTÍCIAS ▾

CURSOS ▾

EVENTOS ▾

ASSUNTOS →

BIM

CAPITAL E TRABALHO

CAPITAL-TRABALHO

ECONOMIA

HABITAÇÃO

LEGISLAÇÃO/JURÍDICO

MEIO AMBIENTE

RESPONSABILIDADE SOCIAL

TECNOLOGIA E QUALIDADE

Economia

CBIC apresenta ao governo evidências de abuso no aumento dos preços de mater

Entidades reúnem-se em manifesto e ações em prol do setor

Por Daniela Barbará 16/09/2020 14:04:19

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

A CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como desemprego, aumento do custo das obras públicas e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura. A CBIC também prevê aumento do custo dos imóveis populares, o que irá gerar a necessidade de aumento de subsídio. No documento entregue ao governo, a entidade fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos.

Em especial os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção. Entre as propostas enviadas ao governo está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.

Outra consequência dos aumentos apresentada ao governo é o risco de uma redução significativa no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre, o que significa menos empregos e aumento nos preços.

Clique [aqui](#) para baixar o documento entregue à Secretaria de Advocacia da Concorrência

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

GAZETA DE ALAGOAS



GAZETA DE ALAGOAS

ORGANIZAÇÃO
ARNON DE MELLO

MACEIÓ, QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2020

WWW.GAZETADEALAGOAS.COM.BR

82.98151-4496

ANO 86 Nº 4799

MP ELEITORAL ALERTA SOBRE PROPAGANDA ANTECIPADA NA CAPITAL A3

CORRIDA À PREFEITURA

CONVENÇÕES CHEGAM AO FINAL COM 10 CANDIDATOS DEFINIDOS EM MACEIÓ

Com a confirmação do nome de **Alfredo Gaspar de Mendonça** como candidato do MDB, ficou fechada ontem a lista de 10 nomes que vão disputar a Prefeitura de Maceió na eleição de novembro. Os outros candidatos são **João Henrique Caldas** (PSB), **Davi Filho** (PP), **Cícero Almeida** (DC), **Cícero Filho** (PCdoB), **Ricardo Barbosa** (PT), **Valéria Correia** (PSol), **Lenilda Luna** (UP), **Josán Leite** (PSL) e **Corintho Campelo** (PMN). As convenções se encerram hoje, tendo como ponto alto a escolha dos candidatos a prefeito de Arapiraca. A3

Deputado culpa
governo por
superlotação
em presidio A2

Apreensão de
veículos deve
continuar, diz
Conselho A2

Após Bolsonaro
desistir do Renda
Brasil, Guedes
prioriza CPMF A5



DISPARADA DE PREÇOS

EMPRESÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL
DEFENDEM IMPORTAÇÃO DE INSUMOS

Assim como os preços de produtos alimentícios, os de insumos da construção civil também dispararam e isso pode ser sentido em Alagoas; o setor está preocupado e cobra do governo federal a importação de produtos usados nas obras. B1

203 ANOS: COM LETARGIA SOCIAL, ALAGOAS 'CELEBRA' CONTINUÍSMO DA DESIGUALDADE

Os alagoanos têm pouco a comemorar nesta quarta-feira, afirmam políticos, sindicalistas e cientista política ouvidos pela GAZETA. Para eles, a emancipação política do Estado não representou até hoje o crescimento econômico, educacional e justiça social por todos desejados. A5



PREÇO DA GASOLINA SOBE 2,69%
NA 12ª QUINZENA DE SETEMBRO B1

Palestina é líder
entre municípios
em incidência de
coronavírus A6

Transplantes de
fígado passam a
ser realizados pela
Santa Casa A7

Polícia desbarata
bandos e prende
21 envolvidos com
tráfico de drogas A8



SAMU REGISTRA 83.584 TROTES
EM OITO MESES NO ESTADO A7



ANUNCIE
E SEU ANUNCIO
82 4009-7728

HOJE
27° 32°

MADEIRA
02:48
03:12
03:24
03:36
03:48

NESTA EDIÇÃO
16 PÁGINAS | 2 CADERNOS

ASSINE A GAZETA
REVISTA DE INFORMAÇÃO
82 4009-7999



[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

GAZETA WEB

 gazetaweb.com / NOTÍCIAS

POLÍTICA • POLÍCIA • MACEIÓ • INTERIOR • BRASIL • MUNDO • ECONOMIA • GERAL • CIÊNCIA E SAÚDE • CONCURSO E EDUCAÇÃO • JUSTIÇA • CULTURA

GERAL

Pandemia: Materiais de construção começam a faltar e sofrem aumento de preço

Alguns donos de depósito têm se sujeitado a comprar mercadorias em outros estados para dar conta da demanda [COMENTE](#)

Por Marcos Rodrigues | Portal Gazetaweb.com 05/08/2020 12h41

 FACEBOOK





[Comunicar erro](#)



Alguns materiais de construção já começam a faltar em Alagoas
FOTO: AILTON CRUZ

MATÉRIAS RELACIONADAS

 [MP denuncia advogado e servidor do TJ por crimes contra a fé pública](#)

Se para a maior parte da economia, em especial o setor de serviços, a pandemia de Covid-19 fez desmoronar e desestruturar negócios, na construção civil acabou edificando bons negócios. Seja pela circulação do dinheiro do auxílio emergencial de R\$ 600 ou pelo socorro aos estados, o fato é que o setor não sofreu com a crise e chegou até a vislumbrar crescimento. Entretanto, os fornecedores de material não acompanharam a demanda gerada, seja pela compra fracionada ou grandes pedidos.

O resultado é que hoje, em Maceió e no interior, alguns materiais já começaram a faltar. Para suprir a carência, alguns donos de depósito têm se sujeitado a comprar em outros estados, mas isso já não tem compensado por conta dos valores que subiram muito. "Não estou conseguindo mais comprar. Dizem que até o barro para fazer o tijolo está em falta. Estou pensando seriamente em não fazer mais pedido desse produto porque não compensa. O preço está muito alto e para receber uma 'carrada' demora algo em torno de 15 dias", disse a proprietária de um depósito de material de construção sob a condição de não se identificar.

Ela acrescentou que o mesmo problema tem se refletido no fornecimento de madeira, que também sofreu aumento de preço e ainda demora para chegar. Isso ocorre porque a presença das pessoas em casa, por conta do isolamento social, mas com acesso a recursos, fez muita gente querer investir em pequenas reformas. A prova é que as grandes lojas de material de construção venderam bastante neste período.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

BANDNEWS/MIRIAM GASPARIM

Mirian Gasparin
com.br

You are here > Home > Economia > CBIC apresenta ao governo evidências de abuso no aumento dos preços de materiais de construção

CBIC Apresenta Ao Governo Evidências De Abuso No Aumento Dos Preços De Materiais De Construção

Economia by Mirian Gasparin - 15 de setembro de 2020

0



A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas.

“Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia”, disse Martins.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias.

São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como desemprego, aumento do custo das obras públicas e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

ROMA NEWS

NAS ALTURAS

CBIC apresenta ao governo evidências de abuso no aumento dos preços de materiais de construção

Documento inclui propostas para reequilibrar o abastecimento interno e estimular importação. De acordo com entidade, é preciso um choque de oferta para evitar memória inflacionária.



Crédito: Shutterstock

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, nesta segunda-feira (14), um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas. "Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia", disse.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

EXTRA

EXTRA

FOTOSExtra DigitalPromoções

CAPANOTÍCIASPOLÍCIAEMPREGOFAMOSOSTV E LAZERES

NotíciasEconomiaCastelar

SEU CASTELAR Especialista em mercado imobiliário do EXTRA ajuda

17/09/20 04:30 17/09/20 09:01 [Tweeter](#)

Aumentos nos preços de materiais de construção podem levar à redução das obras no país, diz CBIC



Leia mais



Feirão de locação online no Rio oferece até três meses de aluguel grátis



Condomínios não

Extra

Tamanho do texto [A](#) [A](#) [A](#)

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal um documento sobre aumentos abusivos nos preços de **materiais de construção** durante a **pandemia de Covid-19**. O relatório foi encaminhado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade, do Ministério da Economia, e ressalta a elevação de custos do setor e o desabastecimento do mercado. A entidade afirma que o cenário ameaça a construção civil e pode levar à redução no ritmo de obras, comprometendo **programas de habitação popular**.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, **o aumento nos preços** é resultado da **falta de produtos** em **quantidades suficientes** para **abastecer as lojas**. Segundo ele, empresas criaram um desequilíbrio artificial no mercado.

No relatório, são apresentados documentos, cotações e declarações para acionistas de indústrias do setor. Segundo a CBIC, houve interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento, declarando que o setor tem 45% de capacidade ociosa e está aproveitando para recuperar preços.

O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos, comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para uma mesma região, o que poderia caracterizar manipulação de mercado.

Mercado: Alta demanda e falta de produtos fazem preços de materiais de construção dispararem

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como **desemprego, aumento do custo das obras públicas** e dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil, criado para impulsionar obras em infraestrutura.

— A consequência imediata será a redução do ritmo das obras e o desemprego de funcionários — avalia o vice-presidente da área de Infraestrutura da CBIC, Carlos Eduardo Lima Jorge.

Imóveis populares

A entidade também prevê um **aumento do custo dos imóveis populares**, o que vai gerar a necessidade de aumento de subsídio. Para o vice-presidente da área de Habitação de Interesse Social da CBIC, Carlos Henrique de Oliveira Passos, nos programas voltados para esse tipo de imóvel, não há espaço para repasse de preços.

— Isso afetará o apetite para novos lançamentos. Para as obras em andamento, como não há correção sobre os valores desembolsados pela Caixa, nossa preocupação maior é com o impacto no desequilíbrio contratual e as eventuais paralisações — ressalta Passos.

No documento entregue ao governo, a entidade relata ainda que as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos, especialmente os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção.

Entre as propostas enviadas ao governo está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação, enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março deste ano.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

CAPA CORREIO BRAZILIENSE



Construção civil vê risco de faltar material no DF

As obras pela cidade, em meio à pandemia, são a prova de que um dos mais importantes setores para a economia do Distrito Federal se mantém ativo, apesar da crise provocada pelo coronavírus. Agora, no entanto, há perigo à vista. O alerta é do presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil no DF, Elsonyso Khaviani. Em entrevista ao CB, ele afirma que, além do aumento superior a 100% no preço de alguns itens, o risco de faltar desabastecimento é real. "O setor público já conseguiu se adaptar", diz. E podem vir as paralisações, segundo ele, por falta de material, como PVC, cerâmica, tijolos, telhas de aço, além, aponta Khaviani, o risco de suspensão de licenciamento no comércio imobiliário, com consequente desabastecimento. PÁGINA 10

CIENTISTAS DESCOBREM POR QUE DIABÉTICOS E OBESOS SÃO MAIS VULNERÁVEIS À COVID



A educação vai renascer
Escolas privadas, como o Marista João Paulo II, intensificam protocolos de higienização para voltar às aulas. Ensino infantil e fundamental 1 retornam no dia 21. Mas, sem todos os cuidados, não abre. Outra boa notícia é a desospitalização da covid-19, detectada pela Unifil. PÁGINA 11



Gabigol é arma do Fla nas alturas de Quito
Atual campeão da Libertadores, encara o Independiente del Valle, equipe equatoriana virada do da América do Sul que abateu times brasileiros com reforços. Palmeiras e Inter venceram. Corinto perde. PÁGINA 11



Apoteose da natureza
A primavera, estação predileta de Anderson Paiva (Belo), começa em 22 de setembro. "É o período de encantamento que nos remete em todos os aspectos, ao ser e à beleza da natureza e sentir o perfume das flores", diz a profetisa. Além do fim da seca, o novo tempo revigora a flora e muda a paisagem da capital. PÁGINA 11

Bolsonaro joga o Renda Brasil para Congresso

Morreu, mas pode ressuscitar: um dia depois de decretar o "retorno" do programa com o qual pretende substituir o Bolsa Família, o presidente delegou ao Parlamento a tarefa de viabilizar a proposta. A revisão da taxa do governo o possível fim de encontrar recursos, hoje incerto, para financiar seu Brasil sem valor bem maior do que o pago pelo próprio social com a mata perita. PÁGINA 2, BRASIL-OP, 3, E NAC ENTRELINHAS, 4



INSS quer retomar hoje as perícias médicas

Períciaes far visitas, como a do Nílius (Belo), e afirma que agências já estão prontas para atender segurados. Mas, associação afirma que peritos não voltarão. PÁGINA 9

DITADURA ONU vê morte e tortura na Venezuela

Relatório de comissão de investigação aponta para violações dos direitos humanos no regime de Maduro. PÁGINA 12

AMBIENTE Europa ameaça preservação ou boicote

Em carta, países afirmam que, se não houver conservação de florestas, haverá oposição à compra de produtos brasileiros. PÁGINA 6

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE



PUBLICIDADE

ENTREVISTA DIONYZIO KLAVDIANOS, PRESIDENTE DO SINDUSCON-DF

Risco de desabastecimento é real

Dirigente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal, fala ao CB.Poder sobre o aumento no preço dos materiais de construção e alerta para a falta de PVC, material elétrico, cerâmica, tijolos e bitolas de aço, o que pode impactar nas obras do DF

Um dos setores econômicos mais importantes para o Distrito Federal, a construção civil começou o ano com previsões de crescimento e não foi afetada pela pandemia com tanta intensidade quanto outros segmentos, mas, agora, enfrenta problemas emergenciais. O aumento excessivo dos preços de materiais de construção surpreendeu e o risco de desabastecimento tornou-se realidade. É isso que aponta Dionyzio Klavdianos, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal (Sinduscon-DF). Em entrevista ao CB.Poder — parceria do Correio com a TV Brasília — na tarde de ontem, Dionyzio comentou os possíveis motivos para o aumento dos preços, citou que encontrou alta de até 140% em itens e explicou o impacto disso para a capital. Segundo ele, obras públicas correm risco de paralisação por conta do problema. Mas, o sindicato enxerga no diálogo com o governo caminhos para enfrentar a questão.

Indo direto ao ponto polêmico, os preços de materiais de construção que subiram muito. O que está acontecendo?

Foi uma novidade inesperada, abrupta, que aconteceu e imagino até que os próprios fornecedores que fizeram os aumentos não esperavam tamanha repercussão. Retomando da pandemia, o setor foi um dos poucos que se mantiveram ativos no Brasil, com exceção de pouquíssimos estados. Apesar de tudo isso, vieram esses aumentos generalizados e de grande impacto. Eu confesso que não me recordo, nos últimos 10 ou 15 anos, de ter acontecido algo semelhante. O que pode ter causado uma questão como essa? Sabemos que estamos em uma pandemia, algo inesperado e único na humanidade. Havia uma série de incertezas. As indústrias de aço e cimento tiveram que, no primeiro momento, por preocupação, reduzir atividades e desligar fornos, porque o pensamento inicial era de haver queda, mas isso não aconteceu. Vimos uma série de sinais do setor que mostraram que o caso da construção civil, no começo, era sui generis. Continuamos vendendo, o índice de velocidade de venda indicou o melhor mês de junho do tempo que medimos. As reformas caseiras, motivadas pelo auxílio emergencial, continuaram. O comércio da construção civil não parou. Por fim, obras públicas não pararam, também.

Se fala muito em risco de desabastecimento, qual a situação no DF?

Risco de desabastecimento já é uma realidade. Obras públicas do Distrito Federal já começam a sentir impacto. Isso é muito ruim. Esse movimento virtuoso do GDF no sentido de colocar licitação na rua, obras para serem feitas, pode ser paralisado porque falta material. PVC, material elétrico, cerâmica, tijolos e bitolas de aço. Isso é tão danoso quanto o preço alto, para a economia como um todo.

O mercado imobiliário também sofre com esses problemas?

Sim, não tenha dúvida. O movimento virtuoso do mercado imobiliário estava acontecendo. Porque, desde 2014, a gente começou em uma queda única. A gente estava se recuperando, com previsão de alta para este ano. Ela estava se confirmando. Então, é natural que o construtor do ramo imobiliário paralise um lançamento, por exemplo. Como eu vou lançar um empreendimento se não tenho certeza de que vou contar com material para a obra? Outra questão são os aumentos: aço e cimento estão na casa de 30%, PVC passa de 100%. Em uma situação dessa, a pessoa tem que segurar para rever planilhas.

Além da pandemia, que tem impacto, o senhor acha que existe abuso nesse aumento?

Se eu afirmo isso, vou ser cobrado, mas não dá para entender aumentar material em 100%. Não falo só de um material, falo de uma gama, dos mais diversos tipos. Fizemos, agora em setembro, uma pesquisa com cerca de 20 empresas representativas associadas. O aumento chega a 140%. Não é questão única, de uma empresa, de um segmento. É generalizado. Se não é abuso, é inapropriado. Tanto que a Câmara Brasileira da Indústria da Construção, que é a entidade máxima das construtoras do país, entrou, ontem, na Secretaria (de Advocacia) da Concorrência e Competitividade (do Ministério da Economia) com uma série de comprovações desse aumento para pedir ao governo algum tipo de ação.

Quais os principais impactos da pandemia no setor, além dos preços?

Nosso setor permaneceu operante, aberto. É um setor que tem características que diferem dos demais no sentido de ajudar a preservar saúde e vida do funcionário. É trabalho em campo aberto, sem muita aglomeração. Mesmo assim, tivemos impacto. Muitas empresas restringiram atividades. Ainda bem que teve a MP do governo que permitiu reduzir carga horária, isso ajudou muito. Mas, as empresas tiveram noção, logo no início, da importância dessas questões para o setor.

Houve impacto de demissões?

No primeiro momento, sim. Mas, nosso setor já está empregando a nível nacional. Parece-me que quase 10 mil empregos foram gerados na construção civil no país, com Brasília mais empregando do que desempregando.

Historicamente, o setor da construção civil é muito forte. O senhor acha que ele pode puxar nossa retomada?

Se a gente conseguir fazer bem esse trabalho, com uma série de ações para diminuir e até zerar esse impacto do aumento, acho que sim. Esse é nosso legado e vamos cumpri-lo. A construção civil chegou a ter 100 mil empregos formais no Distrito Federal nos bons tempos da construção. Hoje, temos em torno de 50 ou 60 mil. O setor responde por 60% do PIB da indústria do DF. Ou seja, ela tem forte ação e o DF precisa dela, o Entorno precisa dela.

O GDF lançou um pacote de obras e o governador disse que elas são prioridade. Como o senhor viu esse pacote?

É fundamental. A construção civil é um dos carros-chefe da nossa sociedade. Se tem obra, tem emprego. Temos visto isso desde o início do governo. E ele teve essa ação muito positiva de deixar claro que as obras públicas não parariam. Isso é muito bom e a economia não para. Obras há anos paralisadas voltaram e estão acontecendo, como o túnel de Taguatinga. Temos ressalvas, alertamos sempre sobre o orçamento da obra e exigências técnicas, para evitar problemas depois. Mas, o movimento de obras está acontecendo. A falta de materiais pode ter efeito negativo nas obras públicas. Mas, há espaço de diálogo no governo, não podemos criticar isso. A todo instante, conversamos com as secretarias e vemos esse interesse deles em nos procurar.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

FOLHA DE SÃO PAULO
FOLHA DE S.PAULO
★ ★ ★

Material de construção some e empresários já veem atrasos em obras

Segundo IBGE, 55% das empresas do setor têm dificuldades para comprar insumos



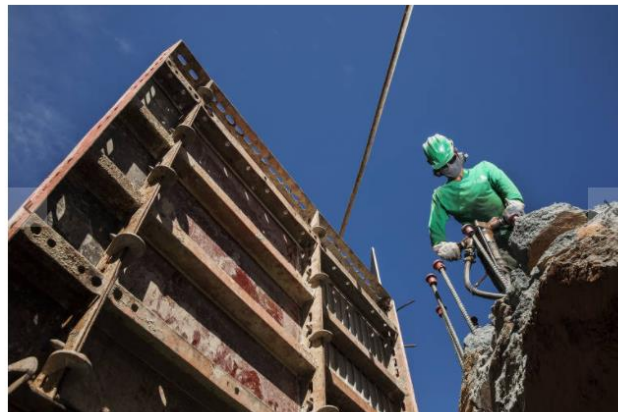
Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO A construtora Apex Engenharia previa concluir em dezembro as obras de um projeto de moradia para baixa renda nas imediações de Brasília, mas foi surpreendida ao fazer a encomenda das louças sanitárias para os 232 apartamentos. Ao invés do prazo normal de dois a três meses, o fornecedor disse que só conseguirá entregar o lote em janeiro.

"Vamos ter que atrasar todo o procedimento da obra", diz o diretor da empresa Eduardo Aroeira, que teve ainda que inverter o fluxo do projeto para driblar dificuldades também para encontrar ralos de PVC para os banheiros, outro produto escasso no mercado.

Os problemas enfrentados pela Arpex são hoje comuns a muitas construtoras e resultam de uma mistura entre parada nas fábricas durante o pico da pandemia e [explosão na demanda](#) por materiais de construção, tanto para pequenos reparos quanto por grandes empreendimentos.

3 / 23 Construção civil não para durante a quarentena



Aroeira diz que fez o pedido das louças há duas semanas, respeitando um prazo que costuma usar nesse tipo de encomenda. Mas o fornecedor lhe afirmou que não tinha condições de atender toda a demanda. "A obra vai ser atrasada em, no mínimo, um mês", lamenta.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 54,8% das empresas do setor de construção enfrentaram, [na segunda quinzena de agosto](#), alguma dificuldade para acessar insumos, matérias primas ou mercadorias.

É um número praticamente estável em relação aos 56,7% da primeira quinzena do mês e bem superior aos cerca de um terço verificados em períodos anteriores. O setor aponta maiores dificuldades em louças e sanitários, PVC, produtos de cobre, aço e cimento.

"Na pandemia, em todo o mundo, os fabricantes reduziram produção e queimaram estoques para fazer caixa", diz o [presidente da CBIC \(Câmara Brasileira da Indústria da Construção\)](#), José Carlos Martins. Ele avalia, porém, que a indústria brasileira demorou a reagir ao aumento da demanda após o pico da crise.

Além dos atrasos, afirma Martins, o cenário provoca [encarecimento das obras](#). Segundo o IBGE, a inflação da construção civil medida pelo IBGE saltou de 3,33% em julho para 3,78% em agosto. O setor é um dos que vem puxando a retomada do comércio e da indústria nos últimos meses.

Aroeira lembra que as obras imobiliárias não pararam durante a crise e, com os juros mais baixos, o mercado imobiliário está aquecido.

Mas há também efeitos no varejo de materiais de construção, que vem tendo dificuldades de repor estoques para dar conta do incremento das pequenas reformas ou reparos feitos pelo brasileiro que passou a ficar mais tempo em casa.

7 / 8 Veja como se comportaram os preços em agosto



Desde o fundo do poço da pandemia em maio, os insumos da construção registraram altas enquanto o setor esboça uma retomada.

"A casa deixou de ser um lugar onde você só dorme. Acabou se tornando local de trabalho e lazer", diz o consultor Wanderson Leite, da Prospecta Obras. "Aquele cômodo que estava largado foi reformado para virar um escritório, aquela churrasqueira que estava meio capenga, acabou sendo reformada."

Leite diz que pesquisa feita pela consultoria indica que o número de projetos de reformas autorizados por prefeituras subiu 37% na segunda quinzena de agosto, em comparação a julho. O aquecimento é percebido desde o início da pandemia e também tem impulso do auxílio emergencial pago pelo governo.

A dificuldade na reposição de estoques aflige o varejo brasileiro como um todo. Segundo o IBGE, 78,5% das empresas do comércio varejista no Brasil relataram o problema na segunda quinzena de agosto. Além da construção, o setor de automóveis e peças também superou os 50% de reclamações sobre o tema.

[Na semana passada](#), empresários relataram à **Folha** atrasos em entregas, falta de produtos e aumento de preços. O problema afeta principalmente pequenas empresas, já que as grandes cadeias varejistas costumam ter mais força nas negociações com a indústria.

"Não há milagre a fazer quando se desorganiza toda a cadeia de produção", diz o superintendente da Anamaco (Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção), Waldir Abreu. "A indústria paralisou por um período e, quando começou a retomar, viu que matéria prima está ou escassa ou muito demandada."

Ele é diz que a reposição de estoques é um problema menor para o varejo, que tem a opção de repor seus estoques em grandes redes atacadistas, e é mais localizado, mas que espera regularização em breve. "Em alguns lugares vai ter mais ruptura do que outras e isso se regulariza em 60 dias", diz.

Abreu defende ainda que os comerciantes do setor não conseguem segurar a alta de preços. Para o consultor Wanderson Leite, o consumidor pode esperar novos aumentos antes que os preços comecem a ceder. "Acreditamos que no início do ano que vem a situação estará normalizada", afirma.

Os construtores, porém, ainda esperam impactos mais profundos. Martins, da CBIC, diz que há hoje obras paralisadas por falta de aço. Aroeira diz que o preço do produto subiu mais de 30% na região de Brasília, o que eleva a pressão também sobre o custo

"Essa obra que estou terminando não me preocupa tanto, porque já comprei quase tudo", diz ele. "O problema é uma obra que começa daqui a dois meses, porque não sei se vão vender aço para mim."

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

O GLOBO

≡ O GLOBO ECONOMIA

No Nordeste, falta material de construção civil e espera por pedreiro chega a 3 semanas

Com auxílio emergencial, estoque acaba rápido, preços disparam e produtos como gesso e bloco de cimento somem das lojas

Manoel Ventura

20/09/2020 - 04:30 / Atualizado em 21/09/2020 - 07:35



Loja de material de construção em São Raimundo Nonato. Foto: Manoel Ventura / Agência O Globo

SÃO RAIMUNDO NONATO e GUARIBAS (PI) - O servente de pedreiro Edvaldo dos Santos separou parte das parcelas do [auxílio emergencial](#) pagas pelo governo a trabalhadores informais nesta pandemia para melhorar as condições de sua casa, em São Raimundo Nonato.

A moradia foi conquistada por meio de um programa habitacional do governo do Piauí com recursos federais há cinco anos, mas só agora ele colocou cerâmica na cozinha e um piso de cimento na frente do imóvel.

Auxílio emergencial: ["Ninguém sabe como vai ser com esse 'Renda Brasília'"](#)

— É um dinheiro que não dá para fazer uma grande reforma, mas pelo menos consegui melhorar um pouco as coisas que a gente precisa — conta.

Como Santos, muitos beneficiários do auxílio foram além do consumo de alimentos e aproveitaram o valor mais alto que o Bolsa Família para investir em pequenas reformas. Isso gerou um aumento na demanda por material de construção e mão de obra.

Comida na mesa: [Auxílio emergencial aumenta consumo, e cuscuz e arroz viram 'vilões da inflação' no Nordeste](#)

Muitas lojas em São Raimundo ficaram sem produtos, e os preços subiram, como em todo o país. Segundo o IBGE, o cimento ficou 10,67% mais caro neste ano e o tijolo, 16,86%, bem acima da inflação média de 0,70% acumulada até agosto.

Estoque acaba rápido

Depois de móveis e eletrodomésticos, as vendas de material de construção foram as que registraram maior crescimento mês passado: 22,7% em relação a agosto de 2019.

Pesquisa recente da [Câmara Brasileira da Indústria da Construção \(Cbic\)](#) apontou que 95% das 462 empresas do setor em 25 estados verificaram aumento no preço do cimento e 90% no de cabos elétricos. No caso do concreto, 81% perceberam aumento.

Bolsonaro: [Efeito do auxílio na popularidade do presidente no Nordeste é maior do que no Sudeste](#)

Sondagem da Associação Nacional de Comerciantes de Material de Construção (Anamaco) também indicou alta na percepção dos varejistas de junho a agosto.

Dona de uma casa de material de construção em São Raimundo, Izaíra Siqueira estima que suas vendas triplicaram. Se no começo da pandemia ela achou que teria que demitir, logo a demanda gerada pelo auxílio mostrou o contrário.

— Tive que contratar mais 30 funcionários para dar conta de tudo — conta. — Nunca vi um negócio desse. As pessoas querem melhorar sua moradia, e viram no auxílio uma oportunidade. Não é nada luxuoso, é o direito delas.

Auxílio emergencial: [Mesmo com benefício, consumo das famílias tem maior queda da História](#)

Cimento, ferro e madeira foram os itens mais procurados na loja dela. As vendas de blocos foram tantas que ela está sem estoque do item agora. Na cidade, que atrai consumidores dos municípios pequenos dos arredores, como Guaribas, também há relatos de falta de ferro e gesso para entrega imediata. Resultado: os preços subiram.

— Aqui, os materiais de construção aumentaram em média 15%. Tudo ficou mais caro — diz a empresária.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

OCP NEWS

Últimas Notícias



ASS

Construção civil denuncia supostos abusos no aumento de preços de materiais

Por Thomas Madrigano
há um dia · Atualizado há um dia
2 minutos de leitura

Compartilhar



Foto Arquivo Agência Brasil

Nos últimos meses, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) realizou duas pesquisas para confirmar as causas e consequências do aumento nos preços dos materiais de construção.

O levantamento contou com a participação de associados do Sinduscon (Sindicato da Indústria da Construção Civil) Joinville.

Foi feita uma análise da variação dos valores, do percentual e da data dos reajustes de materiais como cimento, bloco cerâmico, areia, brita, esquadrias, louças sanitárias, tintas, tubos e conexões, revestimentos cerâmicos, cabos elétricos, blocos de concreto entre outros itens.

Em setembro, após avaliar as informações colhidas, a CBIC entregou à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia um documento que comprovaria o incremento excessivo nos preços durante a pandemia.

José Carlos Martins, presidente da entidade, afirma que o reajuste é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas.

"Com a insegurança inicial causada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta", disse.

De acordo com o vice-presidente da CBIC para a região Sul, Marco Antonio Corsini, o posicionamento nacional do setor junto ao governo federal será fundamental para evitar que a escalada de preços continue.

"O setor da construção civil mostrou sua capacidade de enfrentamento da crise e sua resiliência diante da pandemia, com saldo positivo de empregos superior a 8,7 mil novas vagas de janeiro a julho deste ano no país, sendo cerca de 2 mil em Santa Catarina no mesmo período", frisou.

[LINK PARA A REPORTAGEM](#)

BAHIA BA



Seções [Blog do Levi](#) [Política](#) [Eleições 2020](#) [Entretenimento](#) [Covid-19](#) [Salvador](#)

ECONOMIA

Publicado em 23/09/2020 às 13h08.

Empresários da construção civil criticam aumentos 'abusivos' em insumos para o setor

Segundo categoria, reajustes no cimento, aço e PVC podem causar desabastecimento e ameaçar manutenção dos 45 mil postos de trabalho

Redação



Foto: Ascom/ SDE

Empresários da construção civil apresentaram ao secretário de Desenvolvimento Econômico (SDE), o vice-governador João Leão (PP), um manifesto contra os aumentos considerados abusivos nos insumos para o setor, entre os quais cimento, aço e PVC. De acordo com a categoria, os reajustes podem desencadear desabastecimento e ameaça à manutenção dos 45 mil postos de trabalho.

O manifesto foi entregue na terça-feira (22) por representantes do Sindicato da Indústria da Construção do Estado da Bahia (Sinduscon-BA), da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia (Ademi-BA), da Associação Comercial da Bahia (ACB) e do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos de Cimento (Sinaprocim). A Associação Nacional das Empresas de Obras Rodoviárias (Aneor) também apoia o movimento.

Em nota à imprensa, o vice-governador prometeu analisar uma forma "adequada e eficaz" de ajudar a equacionar os preços dos produtos.

"(...) no sentido de proteger a sobrevivência das indústrias da construção civil, as empresas de todos os portes, com vistas, sobretudo, na manutenção dos empregos e no crescimento deste estratégico setor produtivo. Vamos buscar um diálogo também com as indústrias que fornecem os insumos, pois ambos os segmentos são importantes para o desenvolvimento da Bahia", afirmou Leão.

[LINK PARA REPORTAGEM](#)

GLOBO ESPÍRITO SANTO

globoplay Agora na TV Novelas Séries Cinema Infantil Explore



 AO VIVO 

Bom Dia ES >

Preço alto do material de construção pode prejudicar custo de obras e reformas

[LINK DA REPORTAGEM](#)

TNH1



ÚLTIMAS

MACEIÓ

ALAGOAS

NORDESTE

POLÍCIA

ENTRETENIMENTO

VÍDEOS

BLOGS

ESPECIAIS



BRASIL

CBIC apresenta ao governo evidências de abuso no aumento dos preços de materiais de construção

Assessoria | 15/09/20 - 20h07



Reprodução

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, ontem (14), um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. O material, levado à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências para os aumentos e para o desabastecimento, além de apresentar propostas para mitigar os seus efeitos na economia nacional.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado, uma vez que foi criado um desequilíbrio artificial por parte das empresas. "Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia", disse.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços. O levantamento ainda traz correspondências enviadas por diferentes fabricantes de insumos comunicando aumentos idênticos nos preços dos mesmos produtos, simultaneamente, para a mesma região.

A CBIC também prevê aumento do custo dos imóveis populares, o que irá gerar a necessidade de aumento de subsídio. Para o vice-presidente da área de Habitação de Interesse Social da entidade, Carlos Henrique de Oliveira Passos, nos programas voltados para esse tipo de imóvel não há espaço para repasse de preços. “Isso afetará o apetite para novos lançamentos. Para as obras em andamento, como não há correção sobre os valores desembolsados pela Caixa, nossa preocupação maior é pelo impacto no desequilíbrio contratual e eventuais paralisações”, avalia.

No documento entregue ao governo, a entidade fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram seus efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos. Em especial os setores de aço e cimento, que têm em seus fornos o grande limitador de produção. Entre as propostas enviadas ao governo está a redução da capacidade ociosa com a reativação dos fornos que estão inoperantes e a limitação da cota de exportação enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.

Segundo Alfredo Breda, presidente do Sindicato da Indústria da Construção do Estado de Alagoas (Sinduscon-AL), se a situação não for resolvida as empresas serão obrigadas a aumentar os preços dos imóveis, inclusive os imóveis populares. “Nós que fazemos o setor da construção não podemos aceitar mais estes aumentos abusivos. Os principais insumos estão aumentando muito. O governo federal precisa agir, abrir importações. Temos que encontrar uma maneira de solucionar porque todo o setor imobiliário será prejudicado, gerando, com isso, inflação”, afirmou Brêda.

Outra consequência dos aumentos apresentada ao governo é o risco de uma redução significativa no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre, o que significa menos empregos e aumento nos preços. “A grande preocupação, no momento, é que os incorporadores, em função desses aumentos inesperados, passem a duvidar da viabilidade dos empreendimentos a serem lançados”, explica Celso Petrucci, vice-presidente da área de Indústria Imobiliária da CBIC. Para ele, se isso acontecer, com a queda da oferta final dos últimos trimestres, o setor pode ter um aumento de preços não desejável.

Pesquisas

Nos últimos meses, a CBIC realizou duas pesquisas para verificar o que estava ocorrendo em relação ao desabastecimento e ao aumento nos preços dos materiais. A primeira, entre os dias 16 e 21 de julho deste ano, contou com 462 respostas oriundas de construtoras e incorporadoras de 25 estados. A segunda, no início deste mês de setembro, compilou documentos apurados e recebidos das próprias empresas fornecedoras dos materiais.

Por meio das pesquisas, a entidade verificou que durante a pandemia, em especial nos meses de julho e agosto, houve um incremento expressivo nos preços dos materiais, um movimento completamente alheio à realidade inflacionária nacional. Evidências dessa afirmação já são observadas, inclusive, nos indicadores de custos setoriais. O ‘Índice Nacional de Custos da Construção – Materiais e Equipamentos’, calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, apresentou um aumento de 4,02% no período dos 12 meses encerrados em maio deste ano. Já no período de apenas três meses, entre junho e agosto, a alta registrada no indicador foi de 3,80%.

[LINK PARA REPORTAGEM](#)

BELÉM.COM.BR

Quinta-Feira, 24 de Setembro de 2020

15:02:25



Clima indisponível



BUSCAR



Relatório reúne evidências sobre preço abusivo na construção civil

O documento foi elaborado pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção

Comentar



Assessoria da CBIC

Com edição do Belém.com.br



Documento inclui propostas para reequilibrar o abastecimento interno e estimular importação. (Foto: Dênio Simões/Agência Brasília)

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) entregou ao governo federal, nesta última segunda, um documento que reúne evidências sobre abusos no aumento do preço de materiais de construção durante a pandemia. Os dados levados à Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade, do Ministério da Economia, demonstra causas e consequências dessa prática para o país.

Para o presidente da CBIC, José Carlos Martins, o aumento nos preços é resultado da falta de oferta de produtos em quantidade suficiente para atender o mercado. "Com a insegurança inicial gerada pela pandemia, em março, foi gerado um falso desabastecimento, que foi sendo aproveitado pelos fornecedores para recuperar preços. Se não houver um choque de oferta urgente, a memória inflacionária irá criar um caminho sem volta para a nossa economia", disse.

Para comprovar essa narrativa, a CBIC realizou o cruzamento de informações presentes em diversos documentos, cotações e declarações para acionistas por parte de grandes indústrias. São apresentados, por exemplo, dados que podem demonstrar interferência no mercado por parte de uma siderúrgica, além do posicionamento de uma entidade da indústria do cimento declarando que o setor possui 45% de capacidade ociosa e que está aproveitando para recuperar preços.

De acordo com a entidade, o cenário de aumento dos preços e desabastecimento terá uma série de consequências, como: desemprego; aumento do custo das obras públicas; dificuldades para viabilização do programa Pró-Brasil; aumento do custo dos imóveis populares; e redução no número de lançamentos de imóveis neste segundo semestre.

No documento entregue ao governo, a CBIC fala das incertezas que marcaram o setor da construção civil no início da pandemia, quando as indústrias reduziram os efetivos e fecharam fábricas, reduzindo substancialmente a oferta de produtos. Entre as soluções apresentadas está a redução da capacidade ociosa, com a reativação dos fornos de empresas de aço e cimento, e a limitação da cota de exportação, enquanto os fornos não voltarem a operar nos mesmos níveis de março.